



DEBATE DE ATUALIDADE SOBRE "A PRIVATIZAÇÃO DA TAP"

- ENCERRAMENTO (Assembleia da República, 13 de outubro de 2022)

Presidente da Assembleia da República,

Senhoras e senhores deputados,

Pela sua geografia, Portugal tem, todos sabemos, uma posição periférica no contexto europeu. Esta condição dificulta o desenvolvimento económico e social do país. Ao mesmo tempo, Portugal tem uma posição privilegiada no contexto atlântico que, fazendo parte da sua história, sempre procurou valorizar enquanto porta de entrada e de saída da Europa.

Mas esta posição privilegiada, por muitas oportunidades que nos dê, não é suficiente. A centralidade **geográfica** só se traduz em centralidade **estratégica** se for construída por políticas que permitam ao país explorar todo o potencial que a sua geografia lhe confere – em particular, se o país for capaz de estabelecer e aprofundar as ligações com o exterior.

Durante séculos, esta conectividade foi exclusivamente marítima. Hoje, é também aérea, essencial pela capacidade que tem de aproximar destinos, de transportar pessoas, de dinamizar a economia e contribuir para a riqueza do país.

Para que a conectividade aérea alimente a nossa centralidade estratégica, ela depende de dois instrumentos de desenvolvimento. Em primeiro lugar, de um *hub* eficiente, essa plataforma giratória que distribui por toda a Europa passageiros oriundos dos continentes americano e africano. Em segundo lugar, depende de uma companhia aérea que seja capaz de captar esse tráfego transatlântico. A TAP é a única companhia que pode explorar todo o potencial económico que essa plataforma representa.

A TAP e o *hub* coexistem em **profunda interdependência**. Uma TAP forte alimenta o *hub* e um *hub* eficiente acrescenta valor à TAP. Juntos, **e em sinergia**, garantem conectividade ao país, materializam a sua centralidade estratégica, e valem exportações, riqueza e emprego. É por isso que precisamos de uma TAP eficiente, competitiva e capaz de crescer de forma sustentável.

E isto é o que a direita nunca percebeu. A importância de uma companhia aérea não se mede simplesmente pelo volume de voos que realiza e pelo número de passageiros que transporta. Mede-se também pelo perfil da conectividade e dos destinos que permite ligar; e mede-se também pelo seu modelo de negócio concreto e pelo tipo de relação que mantém com o *hub* - o que, por sua vez, determina o valor que a companhia acrescenta à economia nacional.

É por isso que quando se pergunta se a TAP vai devolver todo o dinheiro que foi investido pelo Estado, a verdadeira resposta é: **a TAP já começou a devolver esse dinheiro desde que a sua falência foi evitada lá atrás em 2020**. Começou a devolver dinheiro ao país pelos passageiros que transportou, pelas exportações que garantiu, pela economia que irrigou; e começou a devolver dinheiro ao Estado pelos impostos cobrados a essa atividade económica.

Esta é a ideia fundamental que a miopia política não permite a alguns partidos ver: **que o retorno que a TAP dá é indireto, difuso, capilar, mas não menos real. Que a TAP, antes de servir o seu acionista, serve as empresas, serve as pessoas, serve o país.**

Senhoras e senhores deputados,

Por vezes, a defesa da nossa centralidade estratégica exige a tomada de decisões difíceis por quem governa. Porque governar é isso mesmo: enfrentar problemas complexos, ter de decidir (mesmo quando era mais fácil não fazer nada), e assumir a decisão com coragem e convicção.

Foi isso que fizemos quando, em 2020, evitámos a falência da TAP. Perder a empresa faria o país perder centralidade estratégica e entregá-la a Espanha. **Seria escolher ser periférico. Não contem connosco para isso.**

Obrigado.